

## Avaliação de impacto do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) no município de Tunas do Paraná: o caso da Aprotunas

Evaluación del impacto del Programa de Adquisición de Alimentos (PAA) en la comunidad de Tunas do Paraná: el caso Aprotunas

*Leandro MARCONDES CARNEIRO\**  
*Olga Maria PANHOCA DA SILVA\*\**  
*Luiz PANHOCA\*\*\**  
*Denys DOZSA\*\*\*\**

### Resumo

O objetivo principal deste estudo é avaliar a importância do Programa de Aquisição de Alimentos – PAA como instrumento de transferência de renda. Este trabalho foi desenvolvido pela Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da Universidade Federal do Paraná – ITCP/UFPR, juntamente com a Associação de Produtores Rurais de Tunas – Aprotunas, sob a perspectiva da Economia Solidária e do Desenvolvimento Local. Foi elaborado um estudo de caso utilizando-se a técnica dos “informantes-chave” e da análise de discurso baseado em Foucault. Os entrevistados enfatizaram a melhora na qualidade de vida e renda. Os produtos orgânicos foram valorizados pelos agricultores, pelo poder público e os usuários. A circulação de renda aumentou e juntamente o comércio local. O PAA fortaleceu o associativismo como uma forma alternativa de geração de renda. Este círculo virtuoso foi possibilitado graças ao trabalho de educação e a aplicação dos conhecimentos universitários e a prática da Economia Solidária.

**Palavras-chave:** associativismo, desenvolvimento local, Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), qualidade de vida, setor solidário.

\* Graduando em Contabilidade (UFPR). Setor de Ciências Sociais Aplicadas. Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, Paraná, Brasil. Correo electrónico: lmarcondescarneiro@yahoo.com.br

\*\* Pós-doutora (USP), Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. Correo electrónico: ompanhocas@yahoo.com.br

\*\*\* Doutor em Controladoria e Contabilidade (USP), Universidade Federal do Paraná (UFPR), Setor de Ciências Sociais Aplicadas, Curitiba, Paraná, Brasil. Correo electrónico: panhoca@ufpr.br

\*\*\*\* Mestre em Extensão Rural e Desenvolvimento Local (UFRPE). Coordenador da Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares. Coordenadoria de Desenvolvimento Social. Pró-Reitoria de Extensão e Cultura, Universidade Federal do Paraná (UFPR). Correo electrónico: denys@ufpr.br

Cómo citar este artículo: Marcondes Carneiro, L., Panhoca da Silva, O. L., Panhoca, L. y Dozsa, D. (2010), “Avaliação de impacto do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) no município de Tunas do Paraná: o caso da Aprotunas”, en *Revista Cooperativismo y Desarrollo*, vol. 18, núm. 97, pp. 50-62.

## Resumen

El objetivo principal de este estudio es evaluar la importancia del Programa de Adquisición de Alimentos (PAA) como instrumento de transferencia de ingresos. Este trabajo fue desarrollado por la Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares de la Universidad Federal de Paraná (ITCP/UFPR), en conjunto con la Associação dos Produtores Rurais de Tunas, bajo la perspectiva de la economía solidaria y el desarrollo local. Un estudio de caso fue elaborado con la técnica del informante clave y el análisis del discurso basado en Foucault. Los entrevistados hicieron hincapié en la mejora de la calidad de vida e ingresos. Los productos orgánicos fueron valorados por los agricultores, el poder público y los usuarios. La circulación de los ingresos ha aumentado y también el comercio local. El PAA ha fortalecido el asociativismo como una forma alternativa de producción de ingresos. Este círculo virtuoso se logró gracias a la labor de la educación y la aplicación de los conocimientos universitarios y la práctica de la economía solidaria.

**Palabras clave:** asociativismo, calidad de vida, desarrollo local, Programa de Adquisición de Alimentos (PAA), sector solidario.

**Descriptor:** P460 - Other Economic Systems: Consumer Economics; Health; Education and Training; Welfare, Income, Wealth, and Poverty; P130 - Cooperative Enterprises; I200 - Education and Research Institutions: General.

**Recibido:** 9 de octubre del 2010 **Aceptado:** 10 de noviembre del 2010

## Introdução

Este trabalho foi desenvolvido pela Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da Universidade Federal do Paraná (ITCP/UFPR), em conformidade com as propostas do Desenvolvimento Econômico e Desenvolvimento Local. As atividades propostas pela ITCP/UFPR, são baseadas em técnicas sociais, econômicas e científicas ensinadas na UFPR, e aplicam-se a associação comunitária local, que visam melhorar a qualidade de vida e emancipação social das pessoas. Outra razão são as práticas para a divulgação da agroecologia e desenvolvimento sustentável.

O estudo de caso foi resultado das atividades da Associação dos Produtores Rurais Tunas (Aprotunas), localizada

na cidade de Tunas do Paraná, no Vale do Ribeira, sul do Brasil. Em particular, o Vale tem um dos menores Índices de Desenvolvimento Humano - IDH do sul do Brasil, segundo (Ipardes, 2010) de 0,686, principalmente decorrente da população de baixa renda. Tem sua economia baseada na exploração florestal (pinheiro), minerais (granito) e da agricultura familiar de pequeno porte. A região é montanhosa, com uma inclinação de 20% a 45%, com solos rasos de baixa fertilidade, afetando a agricultura (Ipardes, 2003).

A Aprotunas é uma associação de agricultores, fundada em 2008, inicialmente composta por 13 membros, com o objetivo de facilitar a comercialização de produtos agrícolas, otimizar o uso dos

recursos e reduzir despesas na compra de suprimentos, trabalhando de forma organizada e coletiva. Dois anos após sua criação, tem mais de 20 produtores. O resultado do trabalho é a qualidade e a visibilidade de seus produtos em sua própria comunidade.

O Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) faz parte da política de segurança alimentar do Governo Federal como uma ferramenta para o desenvolvimento da agricultura familiar e segurança alimentar para os grupos de risco (Ipar-des, 2010). O programa inclui a compra de alimentos provenientes de associações de agricultores e cooperativas, sem realização de licitação, doando os alimentos para pessoas com insegurança alimentar.

Segundo Schetjman (2000) e Arroyo (1991)

[...] estas estratégias para impulsionar a competitividade na agricultura e contribuir para o alívio da pobreza rural têm prioridade na aquisição de agendas de crescimento do governo e, inclusive, [...] no que se refere a esses espaços, deve considerar os elementos específicos dessas estratégias é geral nas áreas abrangidas, refere Campanhola e Silva (2000, p. 36) (i) a dimensão territorial do espaço (ii) o tamanho de setor, (iii) a dimensão dos valores, (iv) a dimensão temporal.

Outra questão que se coloca é o debate sobre o “novo rural no Brasil” (Campanhola e Silva, 2000), o desenvolvimento local deve, acima de tudo, promover o processo de participação social com a reconstrução efetiva dos parceiros sociais (Martin, 2010).

O conceito de cidadania por Geiger (2001, 2003) e Dagnino (2004) mostra a apropriação da sociedade para exigir a inclusão da luta e do interesse, mas o cerne da questão está relacionado com uma cultura democrática (Llorens 2001, Drummond e Oliveira, 2010). O foco é, portanto, no núcleo do processo de transformação que só pode ser concebida como uma forma de transição de reestruturação com base em materiais originais e coma mediação gradualmente alavanca (Mészáros, 2002).

Segundo Prévost (2003), por sua relação natural, uma sociedade cooperativa está intimamente relacionada com a sua função social, político, cultural e econômico. Finalmente (Singer, 2001, 2003), diz que o desenvolvimento deve procurar consolidar não só e não prioritariamente para o lucro. E as empresas da economia social formada por indivíduos, famílias e empresas de autogestão, é hegemônica, a direção do progresso tecnológico é outra. O desenvolvimento de novas forças produtivas, a busca da solidariedade e do respeito pela natureza e promover valores como igualdade e auto-realização, a não ignorar ou rejeitar de antemão os avanços científicos e tecnológicos, mas submetendo-os a um escrutínio constante pela inclusão de desenvolvimento social e ambiental (Singer, 2004).

No plano econômico, segundo Singer (2004), diferentes modos de produção para competir, mas de forma coordenada e cooperativa. No entanto, o antagonismo político e ideológico e oposição entre o valor das duas abordagens,

apenas acentuar. Se você quer mostrar a construção de uma economia social e na preservação de várias revoluções culturais, oportunidades de formação.

### **Objetivo**

O objetivo deste estudo foi avaliar a percepção da comunidade que se beneficia do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) como um meio de transferência de renda e a importância para os membros e a comunidade local.

Como este é um discurso peculiar, do homem humilde do campo, com vocabulário típico da região, decidimos manter as falas dos entrevistados em português.

### **Metodologia**

Este artigo apresenta um estudo de caso sobre a Aprotunas. Para avaliar a importância do PAA, utilizou-se a metodologia da análise do discurso. O argumento metodológico é baseado em Foucault (1986) e Bardin (2002). Na análise das entrevistas utilizou-se a técnica dos “informantes-chave”, uma vez que eles são o produto da civilização e da extração da investigação. No entanto, o acúmulo de conhecimento é essencial para a sociedade (Fisher, 2001). O objetivo deste estudo foi avaliar a percepção da comunidade sobre os benefícios do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), em Tunas do Paraná e transferências de renda, bem como a importância para as pessoas da comunidade local.

Nesse sentido, o espaço de dissensões múltiplas e oposição é apresentada na formação discursiva é na verdade um discurso estridente e dureza do que as

harmonias e superfícies lisas. “Completamente viva, o campo dos exércitos da nova enunciação e imitação, blocos homogêneos de declarações e séries diferentes, mudanças e continuidades” (Fisher, 2001).

Utilizaram-se questões abertas em forma de entrevistas, aplicados aos membros dos agricultores locais e os beneficiários ou usuários dos produtos oferecidos pela Associação. Nas questões desenvolvidas, focaram os seguintes fenômenos: a qualidade e a satisfação de vida, renda e percepção individual da cidade, comparando a situação atual em relação ao passado.

Para a análise do discurso (Foucault, 2004, 2008), a situação atual é um emaranhado de expressão que se sobrepõe e se funde a oportunidade de desmistificar os fenômenos e as paixões básicas, e racionalidade pode ser vista ligada a serviços essenciais. Para garantir o anonimato dos informantes, as entrevistas foram gravadas e transcritas, com a permissão dos entrevistados.

### **Resultados**

Sete pessoas foram entrevistadas em setembro de 2010, quatro agricultores, A, B, C, D, associados Aprotunas, um deles, além de agricultores também é secretário da associação. Também uma nutricionista da Casa da Alimentação da cidade, um funcionário da Ação Social e do diretor de uma escola que participa no PAA. As entrevistas foram agrupadas em dois conjuntos. O primeiro grupo é composto por uma série de entrevistas com membros da comunidade Aprotunas. O

outro grupo é composto por membros da comunidade em geral.

Para a comunidade de agricultores, cooperativas e economia social é uma forma de melhorar o desempenho de suas atividades produtivas e pela oportunidade de participar na gestão de grupos de autogestão no desenvolvimento mútuo.

As atividades desenvolvidas pelos agricultores na comunidade é regida pelos princípios das cooperativas estabelecidos pela Aliança Cooperativa (2007) e enfatiza a adesão livre e voluntária, o controle democrático e autonomia econômica, e elementos da participação e da independência, educação, formação e informação, cooperação entre cooperativas e preocupação para a comunidade.

As opiniões dos membros do Aprotunas forma um cenário que mostra uma realidade que pode parecer fragmentada, mantém e melhora os pontos importantes para a compreensão da realidade. Tratou-se de integrar as opiniões dos agricultores com a visão da comunidade que recebe as mercadorias, na percepção do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) da renda e a importância deste programa. Buscou-se as palavras de pessoas que ilustram os conceitos e identificar as dificuldades encontradas em contextos reais.

#### A visão da comunidade sobre os produtos

O Programa de Aquisição de Alimentos do governo brasileiro tem como objetivo trazer o consumidor para o produtor de alimentos para as pessoas saberem a procedência desses alimentos. A Casa da Alimentação, órgão municipal e partici-

pante do programa, saúda e apoia estes produtos, de acordo com o depoimento: “[...] os alimentos que chegam aqui vindos através do PAA, eles são todos de agricultores da região” (Nutricionista). A qualidade do produto e o processo de produção é acompanhado por um técnico e esse procedimento é muito valorizado deixando as pessoas seguras da qualidade dos produtos:

Então ele (técnico do programa) fazia todo esse serviço, a gente já recebia a mercadoria acompanhado por ele [...] Então ele que era o gestor dessa parte [...] O que ele plantava (o agricultor), o que entregava aqui pra nós, o modo dele plantar, o que ele usava, qual era o adubo (Nutricionista).

Os produtos de origem orgânica tiveram boa aceitação e foram valorizados pelos agricultores, poder público e usuários:

Excelente, excelente... (qualidade do alimento ou do produto) ... melhor do que a do mercado, primeiro por ser um produto sem agrotóxico... é, um cultivo aqui na nossa região, então ele vinha, ele tinha pouco tempo entre a colheita e a recepção dele aqui na Casa da Alimentação, então era um produto que não tinha tempo de ficar parado, armazenado. Então ele é colhido num dia, no outro dia já tava aqui. Ele tava íntegro, verdinho, bonitinho, sabe? [...] porque eu, como nutricionista, eu tenho que acreditar que quanto mais natural, menos tóxico, que possa ser usado num produto, é a vida tá sendo preservada, um exemplo desse tá sendo preservado... neste alimento, né? (Nutricionista).

A Escola entrevistada também afirma a importância da qualidade dos produtos:

[...] é a gente sabe que é orgânico, que é bem cuidado, bem limpo, que teve uma ótima aceitação aqui no colégio, tanto pelos alunos como pelos pais e funcionários [...] Os alimentos são ótimos, ótimos mesmo, bem cuidados! Vêm dos agricultores [...] Muito boa, ótimo (qualidade dos produtos)... nossa, foi ótima, a alimentação dos alunos aqui melhorou assim tipo 100% [...] (Diretora).

A diretora da escola aponta aumento no rendimento dos alunos devido à melhora na alimentação:

[...] os alunos fazem tipo, melhora nos estudos, sabe? Tiveram um índice bem alto de melhor, né? nos estudos, em tudo, em todas as disciplinas... por quê? Por que se alimentam bem, produto natural, então foi muito bom [...] (Diretora).

Os consumidores valorizaram conhecer os agricultores e dão importância a essa proximidade:

[...] conheço, conheço... vem dos produtores aqui da região mesmo né?... todos daqui... conheço todos eles (agricultores) conheço, conheço... muito bom, excelente o produto... a qualidade tá muito boa,... e melhorou bastante a qualidade, por que antes vinha assim bem deteriorado, chegava aqui um produto de péssima qualidade, mas agora faz um bom tempo que tá vindo assim produto excelente mesmo, né? [...] (Funcionário da Ação Social).

Os preços dos produtos são competitivos e reconhecidos como vantajosos pelo preço além da qualidade e esse fato é visto como consequência de um programa de produção local:

[...] não tem atravessador né, é direto do produtor... é bastante econômico [...] o atravessador é que inflaciona o produto [...] Esse agricultor é muito simples, então o preço dele é um preço simples também, então o produtor produz e vende a um preço mais barato, o atravessador é que inflaciona o produto. Então ele vem e o mercado tem que repassar o (produto), e chega mais caro ao consumo, ao consumidor final (Nutricionista).

Para o poder público local foi uma boa solução, pois facilitou a compra dos produtos, o acompanhamento da qualidade, mas eles desconhecem como é a gestão da cooperativa: “O PAA... por enquanto aqui só, pra nós aqui, pra prefeitura, pro departamento nosso foi muito bom, só agregou, foi muito bom mesmo” (Funcionário da Ação Social). Sobre dificuldades com o programa: “não, não, foi muito bom...” (Funcionário da Ação Social). Sabe quem faz a gestão do PAA?:

não sei... mas acho que é o pessoal da Aprotunas, né? É eles que tã à frente né?... por que chega aqui de lá, primeiro eles passam ali pras escolas, creches, enfim... daí chega pra gente, a gente distribui pras comunidades aí... então, acredito que seja eles ali sim [...] (Funcionário da Ação Social). [...] é assim, já fui numa reunião com eles, mas eu não sei aonde é sede da Aprotunas, eu fui em reunião dentro aqui na Casa da Cultura, na Câmara também, mas eu não sei aonde é a sede, mas eu sei (Nutricionista).

A Associação gerou divisas para o município, aumentou a circulação e incrementou-se o comércio local: “[...] (Sobre o programa) Só trouxe coisa boa,

não vejo nada negativo no programa, nada... nem uma coluna negativa ali, ele é todo positivo [...]” (Nutricionista);

[...] é aqui no nosso município ficou bom, por que muitos produtores aí... a sobrevivência deles né, que produzem aí... e isso aí foi um projeto muito bom que foi implantado no nosso município, isso aí eu acho que tem que continuar, e a gente ta se empenhando que continue NE [...] eu acredito que deve ter melhorado pra eles... (qualidade de vida dos agricultores). Por enquanto aqui só, pra nós aqui, pra prefeitura, pro departamento nosso foi muito bom, só agregou, foi muito bom mesmo (Funcionário da Ação Social).

O trabalho de educação e aplicação de conhecimentos da Universidade na comunidade incentivou as práticas da Economia Solidária. Um dos objetivos da atuação universitária na comunidade era incentivar a autogestão de negócios e a apropriação da condição de cidadania pelos agricultores, tentando se melhorar a renda do município: Sobre o impacto do programa para a melhoria da comunidade:

Mas acho que é o pessoal da Aprotunas né?, é eles que tão à frente... por que chega aqui de lá, primeiro eles passam ali pras escolas, creches, enfim... daí chega pra gente, a gente distribui pras comunidades aí... então acredito que seja eles ali sim (melhor a vida da comunidade) [...] (Funcionário da Ação Social).

Uma das dificuldades do programa é a entrega de produtos, pois, a região é de serra e sem infra-estrutura de rodovias:

Daqui a gente é feito o seguinte, da seguinte maneira, a gente tava entregando nos bairros (entrega de produtos), mas foram tidos duzentos problemas por transporte, logística, a gente ta fazendo a distribuição aqui mesmo no departamento nosso, mas assim que melhore a condição que chegue um outro veículo a partir disso aí a gente tá levando na comunidade, aonde a gente tinha um contato maior com a comunidade, a gente chegava e entregava na comunidade... por que aqui centraliza muito então uma pessoa que mora... por exemplo, o bairro de Tuneiras, não vai aqui lá de baixo, quase 5 km pra pegar algum... assim, né? ... então é um pouco centralizado, por isso que fica um pouco complicado, mas quando tem o carro a gente pode pegar a gente vai nas comunidades entregar... assim que normalize fica melhor daí, pra nós também e pra eles também que daí fica igual o pessoal centralizado né, questão meio de logística mesmo [...] (Funcionário da Ação Social).

Devido ao sucesso do programa e da aceitação dos produtos eles já estão identificando a falta de caminhões para a entrega de produtos:

[...] então nem sempre ta aqui (o caminhão)... o grande problema é isso aí, se a gente tivesse um carro exclusivo pra gente fazer esse transporte ficaria bem melhor, levar ó na comunidade, depois em outra comunidade, amanhã em outra comunidade, aí ficaria melhor, aí ficava bom por que não ficava tão centralizado... a gente consegue fazer ainda, a gente leva né, mas nem sempre a gente pode levar, nem sempre coincide... na data que vem aqui às vezes na segunda, na sexta que chega os produtos, nem sempre o caminhão fica aqui, mas quando ta aqui a gente transporta até as

comunidades... mas a gente não pode dar uma previsão por não ter um carro fixo daqui mesmo [...] (Funcionário da Ação Social).

Outra dificuldade foi a dependência do programa em relação ao técnico do governo. Na fala da gerente da escola esta intermediação aparece:

Estávamos todos comprando né?...na verdade, essa verdura a gente ganhava da prefeitura né... vinha como doação... é, doação pra nós... Agora tem que comprar... antes era o técnico da... (que fazia a compra)... era o técnico que tinha aí, agora não sei quem que, se for voltar, quem fará, mas antes era o técnico [...] (Diretora).

A nutricionista também aponta dificuldades em identificar os produtores na cadeia de comercialização:

[...] é... os alimentos que chegam aqui vindos através do PAA, eles são todos de agricultores da região, então nós tínhamos até o começo desse ano que até (nome do técnico) vinha bastante, que era o técnico em agricultura, né?. E ele coordenava bastante esse programa, fazia os projetos todos de formalidade, ele passava sempre pra mim. Então, é, os agricultores todos são da região e são controlados por este grupo popular (...), que eu não sei qual que era o grupo, mas alguma coisa junto com a prefeitura, é uma parceria né? (Nutricionista).

#### A visão do agricultor associado da Aprotunas

Aprotunas Associação começou em 2008 com grande dificuldade, principalmente devido à localização das propriedades, da extrema pobreza e falta de educação dos agricultores. Esta história fala

claramente como um fazendeiro que também é secretário da associação: “É no começo foi difícil, agora não, agora mais tranquilo. Fica mais simples [...]” (Agricultora B). A associação também facilitou a articulação com a política pública:

[...] ah foi fundamental (a constituição da associação) né, por que sem a associação a gente jamais ia conseguir. A gente começou com o PAA não tinha nem associação, tinha um grupo montado mas não tava formalizado, a gente ficou um ano sem registrar ela. Então a gente entregava o PAA direto pra prefeitura, a gente tinha um contato com a prefeitura... depois que a gente conseguiu, daí já com a associação montada... a gente tinha um contrato [...] agora, é só administrar a papelada que tem, por em dia ne? (Agricultora B).

Com a criação do PAA os agricultores se apegaram a ele e ao mesmo tempo em que tiveram uma fonte de renda, criaram uma forte dependência e se tornaram vulneráveis pois dependem do PAA para sobreviver e por motivos de descontinuidade do contrato alguns estão sem possibilidades de renda:

[...] o contrato PAA com a prefeitura de três meses, mas... agora já acabou... daí tamo revendo se vai continuar mais alguns meses ou não... A gente ainda tem a feirinha mas que nem o (Associado), o (Associado2), ou outros dependiam totalmente disso (PAA)... O que movimenta (a produção) é o PAA, agora como não tem o PAA é só administrar a papelada que tem, por em dia ne? (Agricultora B).

Os agricultores reconhecem o seu papel na associação e tem conhecimento da importância da sua participação:

[...] a associação não dá trabalho, ela exige empenho da gente, tem que participar, mas trabalho não dá... a gente, como fala?, concilia né as horas que dá, faz as reuniões assim que não atrapalhe [...] (Agricultor C).

A Associação possibilitou aos agricultores acesso a financiamentos e linhas de crédito e sabem o papel da associação na transformação social e como promotora de políticas públicas: “[...] a associação é melhor por que você tem mais atenção, abre mais as portas... principalmente pra ter mais acesso às políticas públicas, sozinho não conseguiria [...]” (Agricultor C).

Eles também conseguem ver as vantagens e dificuldades do PAA: “Eu acho que (vantagens) pra todos os lados, pra gente, pra política, pra população e todo mundo que se alimentava e usava disso [...]” (Agricultora B). Mas tem como dificuldades o preenchimento da documentação e a burocracia de trabalhar com projetos:

Ruim não, só a papelada, mas é necessário né, não tem como não fazer... fica um pouco complicado, mas nada que a gente não consiga fazer [...] tudo vem pra mim e eu tenho que pegar assinatura, pegar os papéis tudo, tudo dos agricultores, passar em nota e pegar o relatório das entidades, passar tudo, e depois de lá pegar a assinatura pra eles conferirem, tudo isso eu que faço, e o da Conab também [...] (Agricultora B).

“A burocracia é na hora de fazer um novo projeto... o certo seria que ele fosse renovado automaticamente, não tivesse que fazer um novo projeto” (Agricultor C);

[...] ta meio complicado (a associação), por que esse ano não foi pegado nada pela Conab, foi vendido umas três vez, foi entregado aí 250 (reais) cada um de nós, da prefeitura... daí agora fechou contrato, não quiseram renovar de novo... daí fiquemos com..., se quiser ir ver quanto repolho tem, aquela alface já cortei, cobri de terra pra fazer adubo né, perdi também..... e aí tamo com essas coisa aí, tem brocos lá também que ninguém qué, se não levar pras escola, o mercado não pega... vou plantar batatinha agora, que batatinha é uma coisa que “guenta” mais né, se a gente não vender. (Agricultor D).

Constatou-se nas falas a preocupação com a renda e a suspensão do PAA para os agricultores:

Acho que teve bem boa (renda)... a gente pegou uns pagamento até bonzinho né?... tamo recebendo, nesse poco que é entregue, na faixa de 200, 250 real né? [...] pois, é que nem eu digo, agora nós tamo pegando na base de 150, as vezes, 200 (reais), tem que agüentar né... que agora não é muito memo, que tá vindo pela prefeitura né? (Agricultor A).

(Sobre a renda da família) é por que um mês é uma coisa outro mês é outra, e não tenho nem noção... frango a gente vende uns 150 por mês [...]. (Sobre a renda auferida com o PAA) ah tem variação, por que são 450 (reais) por agricultor, e aqui são três,... só aqui dentro são três que entregam, então

já são 1.500 reais aí a menos... (quando da interrupção do PAA) (Agricultor B).

Na fala dos agricultores aparece uma declarada melhora na qualidade de vida:

[...] melhorou a qualidade de vida, não tanto financeiramente, mas a qualidade de vida [...] Sem o PAA tá complicado, por que era uma renda boa né... já tinha um salário fixo no mês, agora não tem, tem que ir vendendo um pouco aqui, um pouco ali [...] das minhas atividades, aqui agora, sem o PAA, gira em torno de 300, 350 (reais)... maior benefício do PAA é a segurança, você consegue planejar o que vai fazer... o dinheiro é certo todo mês (Agricultor C).

Na avaliação do impacto do programa sobre a comunidade:

[...] na verdade eu acho que eles nem tão recebendo muita verdura lá... mas quando eles recebiam, nossa, ficava todo mundo feliz né?, por que tanto as creche, a Casa da Alimentação, a população recebeu doação, sem precisar compra... imagine, e hoje em dia precisa compra e tá caro [...]

Os agricultores têm a noção que a renda deles agrega giro na comunidade: “[...] (sobre o dinheiro) é mais pra comunidade... por que tendo dinheiro gera dinheiro né, e com isso o tanto de pessoas tendo dinheiro gira mais em torno do comércio [...]” (Agricultor C).

A Universidade possibilitou aos agricultores capacitação profissional e eles identificam as pessoas:

Esse negócio aí... a nossa associação quem ajudou foi aquele rapaz, deu uma ajuda grande pra nós, volta e meia tava aí, o... o Denys (Coordenador na ITCP/UFPR),

o Denys que deu ajuda pra nós, volta e meia ele tava aí, diz que ‘tem que montar uma associação’, aí vai funcioná de jeito (Agricultor D).

Contudo, falta aos agricultores um conhecimento do processo de gestão:

[...] pois eu não sei se, por que não tem onde gastar essa verdura, se coíê demais fica muito, né? ... e o da Conab é isso aí, deu uns dois salário, bão né?, daria mais mas daí passou pra prefeitura, eu não sei bem direito, mais certo é o (Associado), tá mais a par ne! (Agricultor A).

Sobre a gestão da associação existe um desconhecimento e um afastamento do associado, que se sente à margem do processo: (sobre a gestão e quem a faz) “Não, não conheço!” (Agricultor C); “trabalho, to lá na associação... desde que começou... isso aí foi fundado até a gente teve desde o comecinho... isso aí a gente teve junto né, foi devagar, e agora a gente tá mais bão né? [...]” (Agricultor A); “[...] o presidente? acho que o presidente... o ano passado era o (Associado1), daí o (Associado1) passou pro (Associado2), agora é o (Associado2)” (Agricultor D).

Alguns ainda desconhecem o projeto PAA:

[...] não conheço... a gente pouco entende das coisa de PAA, o que quer dizer o PAA? “[...] é como eu digo, comecemo tudo junto né de comecinho, de poquinho gente, daí foi ficando mais gente... acho que deve de ser aí o presidente, que é o (Associado1)... daí o (Associado2) com a (Associada), eles que fazem essa parte (conhecer os programas) [...] (Agricultor A).

O financiamento da produção é entendido como a venda do produto:

[...] mas assim, a gente tem que falar a verdade né, dizer né... como diz, o financiamento é meio... ói qui ó, ta vendo aí ó, a gente planta, planta, tá bonito ói que tem lá em cima, se quiser dar uma olhada ir lá, ó o tanto de couve... e isso aí, a gente não ta reclamando mas a planta ta ficando na roça... não ta saindo, até eu acho que parou, né? (Agricultor A).

Sobre o projeto e sua importância na vida dos agricultores pode-se notar que eles destacam-se melhor como pessoas e como participantes de uma comunidade, transparece no discurso um resgate da cidadania e da importância deles como agricultores na sociedade:

[...] a gente ganhou... a gente ficou mais, como diz, apareceu mais né, por que tava escondido... e é muito bão né? [...] É como nós falamos né, ajudou por que... como diz... eu até nem sei como que se diz, a gente apareceu mais como trabalhador, agricultor, como a gente vê passa nas televisão, pra fora, quantas coisa né?... então isso eu acho uma grande coisa né, a gente era uma pessoa que não aparecia né, e agora a gente sabe que ajuda o pessoal... eu acho que ajudou né, ajudou. A gente até nem quer dizer nada né, só agradece e vai lutandinho... é mais ou menos isso que a gente tem pra contar” (Agricultor A).

Eles valorizam o conceito da economia solidaria e do comércio justo para a comunidade:

[...] ah tem a parte mais econômica... se não for a gente ta trabalhando ia ta gastando mais?... normal vai pagar mais

caro... já aqui vai pagar o que precisa pagá, preço mais baixo [...] A prefeitura, eu acho que não liga muito, tanto faz compra da gente [...] Ah, quando eles (os compradores) vêm lá a mercadoria... gostam, mais gostam... a gente vê que eles gostam mais (Agricultor D).

O discurso dessas pessoas se desenvolve sempre na sua dimensão histórica de brasileiros, isolados geograficamente e à margem da sociedade de consumo. Os governos, os abusos, a lei e as instituições, o passado, as vitórias e as derrocadas mascaradas passam a ser estabelecidas no discurso com a esperança velada de um programa que lhes garantiria a dignidade/sustento. O discurso abarcara tanto a nostalgia das aristocracias em busca do alimento limpo, orgânico e livre de venenos como as revanches populares em busca do dinheiro e da estabilidade. O discurso decifra que o conflito da comunidade é, como afirma Foucault, essencialmente histórico e político e funciona como uma visão de arma partidária intensamente mítico: de um lado a universidade tentando colocar a associação como uma forma de articulação política e de outro lado o mito da felicidade que tudo está melhor e acabará bem. A sociedade cristã onde a comunidade se insere impõe no discurso da esperança num dia melhor e a salvação aparece nas entrelinhas como a busca por um acordo estável de contrato.

O grupo de agricultores está sendo conduzido para uma governabilidade cujos princípios são o cooperativismo, mas se auto-conduz ao mesmo tempo resistindo aos valores impostos. A soma

dos agricultores e a soma de seus braços destinados ao trabalho são analisados como um conjunto de elementos que por um lado se vinculam ao regime geral dos seres vivos aceitando a cooperação, mas por estarem inseridos em uma época histórica que de distingue das demais, o século XXI, onde o individualismo se tornou um valor, ocorre uma cisão das intervenções articuladas e provocam isolamentos de ações e mudanças de atitudes de maneira a fazer o isolamento uma forma de resistência inconsciente ao modelo proposto. Obtém-se no discurso formas novas e antagônicas de viver que surgem das capacitações que ocorrem para todos e da resistência individual ao modelo. Surge então uma nova forma de se ver o todo, conflituoso, político e inserido no seu contexto histórico e social inexorável.

### Conclusão

Os resultados obtidos são amostra da percepção dos entrevistados, acerca do impacto do PAA e do modo de cultivo orgânico.

De modo geral, podemos ainda reforçar a importância do associativismo como alternativa de geração de renda e melhoria na qualidade de vida dos seus associados. Também a forma de trabalho coletivo, por meio da Aprotunas, possibilitou aos agricultores acesso a financiamentos e linhas de crédito e a capacitação profissional.

Da mesma maneira, a comunidade local também torna-se grande beneficiária, uma vez que os produtos em sua maioria são cultivados de maneira orgânica, e foram incorporados na ali-

mentação escolar. Para a esfera pública, a Associação dos Produtores possibilita: geração de divisas ao município, aumento da circulação de moeda e incremento no comércio local. A renda gerada pelo programa circula e se internaliza no município, contribuindo com a ampliação do comércio local e compra de insumos pelos agricultores. Com o aumento da demanda local por produtos de qualidade, colocados a preços competitivos, e produzidos no próprio município, possibilitou a concessão por parte da prefeitura local de um espaço para comercialização.

O impacto produzido pelo PAA na comunidade foi positivo, de modo que reforçou a importância do associativismo como alternativa de geração de renda e qualidade de vida, revertendo ao associado e à comunidade em geral.

Ademais, o ciclo virtuoso gerado é fruto do trabalho de educação popular e aplicação de conhecimentos técnicos da Universidade, com a aplicação de conceitos da Economia Solidária. Através do incentivo à autogestão e a apropriação da condição de cidadania, os agricultores puderam adotar técnicas de culturas orgânicas e de preservação ambiental.

Ao mesmo tempo o vínculo com a associação e o programa os tornam dependentes e vulneráveis à rupturas e vontades políticas, assim como vítimas das flutuações do poder local e da universidade.

### Bibliografia

Arroyo, J. C. (1991), “Cooperação econômica versus competitividade social”, em Arroyo,

- M.; Buffa, E. y Novella, P. (eds.), *Educação e cidadania: Quem educa o cidadão*, Sao Paulo, Cortez.
- Bardin, L. (2002), *Análise de conteúdo*, Lisboa, Edições 70.
- Campanhola, C. y Silva, J. G. (2000), “Diretrizes de políticas públicas para o novo rural brasileiro: Incorporação a noção de desenvolvimento local”, en Campanhola, C. y Silva, J. G. (eds.), *O novo rural brasileiro: políticas públicas*, Brasília, Embrapa, p. 176.
- Dagnino, R. y Novaes, H. T. (2004), “Sobre a adequação sócio-técnica e sua importância para a Economia Solidária”, en *Anais III do encontro de investigadores latinoamericanos de cooperativismo*, São Leopoldo, RS, Porto Alegre, Unisinos.
- Drumond, V. R. y Ferreira, F. (2010), “A cidadania e participação social como caminhos para a Economia Solidária no Brasil”, en *Anais. II Encontro Mineiro de Administração Pública Economia Solidária e Gestão Social - Emapegs*, Viçosa, Universidade Federal de Viçosa, pp. 1-16.
- Fisher, R. M. (2001), “Foucault e a análise do discurso em educação”, en *Cadernos de Pesquisa*, núm. 114, pp. 197-223.
- Foucault, M. (2004), *A critical reader*, Nueva York, Basil Blackwell.
- (2008), *Segurança, território e população*, Sao Paulo, Martins Fontes.
- Gaiger, L. I. (2001a), “A economia solidária diante do modo de produção capitalista” [en línea], disponible en: <http://www.scribd.com/doc/11775906/>, recuperado: 8 de junio del 2010.
- (2001b), “Sindicalismo e Economia Solidária. Reflexões sobre o projeto da CUT” [en línea], disponible en: [http://www.escolanet.com.br/teleduc/arquivos/6/leituras/12/Signif\\_t/](http://www.escolanet.com.br/teleduc/arquivos/6/leituras/12/Signif_t/), recuperado: 8 de junio del 2010.
- Instituto Paranaense de Desenvolvimento Económico y Social (Ipar-des) (2003), “Paraná: Diagnóstico social e econômico” [en línea], disponible en: <http://www.ipardes.gov.br/sistemas/publicacoes/conteudo.php?ano=2003:2010/>, recuperado: 8 de enero del 2010.
- (2010), “BDE-WEB Banco de Dados do Estado do Paraná. Consulta dados de população, estado, região e municípios” [en línea], disponible en: [www.ipardes.gov.br](http://www.ipardes.gov.br/), recuperado: 8 de enero del 2010.
- Llorens, F. A. (2001), *Desenvolvimento econômico local: Caminhos e desafios para a construção de uma nova agenda política, o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social - Bndes*, Río de Janeiro, Bndes.
- Martins, P.H. (2010), “Ação pública local e desafios de uma cidadania solidária” [en línea], disponible en: [http://www.fbes.org.br/index.php?option=com\\_docman&task=cat\\_view:2010/](http://www.fbes.org.br/index.php?option=com_docman&task=cat_view:2010/), recuperado: 5 de agosto del 2010.
- Meszaros, I. (2002), *Para além do capital*, Campinas, Unicamp.
- Prévost, P. (2003), “La formulation de stratégies coopératives et le développement du milieu”, en *Unircoop*, vol. 1, núm. 1, pp. 112-125.
- Schetjman, A. (2000), “La cuestión urbana en el desarrollo rural: Elementos para una reformulación de las políticas”, en Campanhola, C. y Silva, J. G. (eds.), *O novo rural brasileiro: Políticas públicas*, Brasília, Embrapa, pp. 17-50.
- Singer, P. (2001), “Economia Solidária”, en *Teoria e debate*, vol. 1, núm. 47, pp. 54-60.
- (2003), “Economia Solidária”, en Cattani, A. D. (eds.), *A outra economia*, Porto Alegre, Veraz.
- (2004), “Desenvolvimento capitalista e desenvolvimento solidário”, *Rev. Estudos Avançados*, vol. 18, núm. 51, pp. 7-22.